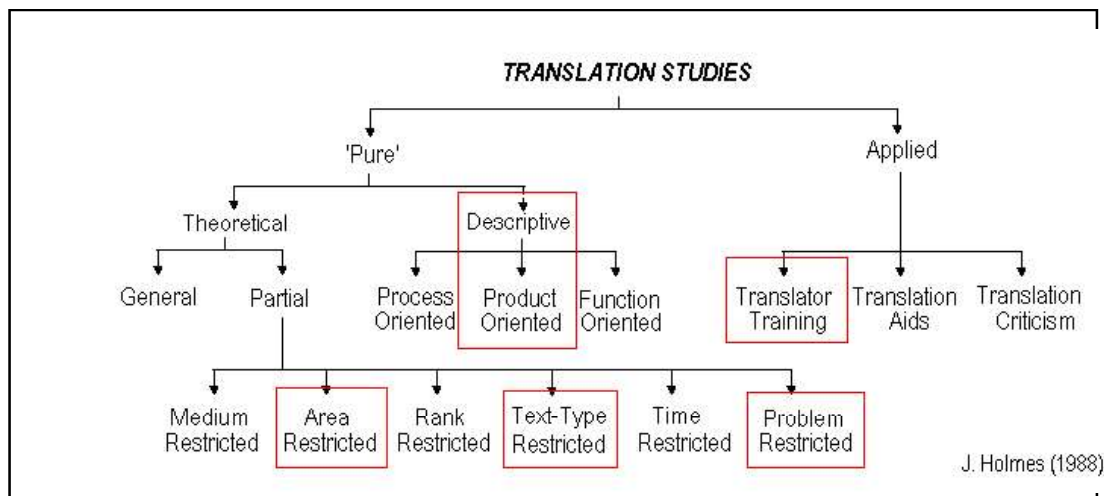


A PESQUISA EM TRADUÇÃO LITERÁRIA – PROPOSTA
METODOLÓGICA
Helena Tanqueiro

Uma referência ainda hoje obrigatória no âmbito da investigação em tradução é, sem dúvida, a célebre conferência de James S. Holmes “The Name and Nature of Translation Studies”, apresentada no III Congresso Internacional de Linguística Aplicada (Copenhague, 1972) e publicada numa versão revista e ampliada em *Translated!* (1988), na qual Holmes nos proporciona um esquema teórico sobre o que envolve o estudo científico da Tradução.

Apesar do desfasamento temporal (de 1972 até hoje a investigação tradutológica experimentou um forte avanço conceptual e metodológico), as reflexões de Holmes continuam a ter vigência e a constituir um quadro de referência, sobretudo no que se refere à Tradução Literária. Tomámo-las como



ponto de partida para enquadrar o nosso estudo sobre a autotradução, destacando no esquema de Holmes os campos que consideramos de maior importância para a nossa reflexão: centramo-nos nos “Descriptive Translation Studies”, que se debruçam sobre o produto (neste caso, as traduções realizadas pelo próprio autor), aproveitando também as reflexões teóricas em relação à Tradução Literária e aos problema específicos desta vertente da Tradutologia como, por exemplo, a tradução das “marcas culturais” que se podem restringir a uma determinada área, no caso vertente, a tradução entre línguas próximas. No âmbito da investigação aplicada, o estudo da Tradução Literária com fins

formativos, continua a ser um campo pouco estudado mas de grande relevância para os estudos de tradução.

Holmes distingue três vertentes da investigação tradutológica descritiva:

- a) os estudos orientados para o produto, quer dizer, sobre o que caracteriza um texto como tradução;
- b) os estudos centrados no processo da tradução, ou seja, sobre o que sucede enquanto se traduz um texto;
- c) os que dizem respeito à função das traduções, quer dizer, ao efeito que têm as traduções na sociedade que as recebe.

Estes últimos, relativos ao estudo descritivo da função da tradução na cultura receptora, tratam a influência que têm as traduções na língua e na literatura das sociedades em que são publicadas e os novos caminhos que abrem ao nível das literaturas nacionais, pelo que Holmes os define como “estudos sobre sociotradução”. Esta abordagem foi desenvolvida por um grupo de estudiosos que, como se sabe, ficaram genericamente conhecidos por “Manipulation School”, denominação inspirada no artigo de Theo Hermans “The Manipulation in Literature: Studies in Literary Translation”, publicado em 1985. Estes teóricos entre os quais se conta André Lefevere, José Lambert, Susan Bassnet-McGuire, Gideon Toury e o próprio Theo Hermans, afirmam que uma “conception of translation as reproducing the original, the whole original and anything but the original” (Hermans, 1985: 9) não passa de uma utopia e substituem “assertations of the type ‘TT (target text) is a translation’ by assertions of the type ‘TT functions as a translation.’” Para estes teóricos, o sistema da cultura terminal ou meta define a forma de traduzir: “from the point a view of the target literature, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose” (Toury, 1980: 47). Situam-se, portanto, numa posição diametralmente oposta à dos conceitos da tradutologia linguística que se interessam sobretudo por encontrar equivalências entre ambas as línguas.

Os estudos descritivos sobre a tradução orientados para o processo ocupam-se, obviamente, do processo ou acto de traduzir, do que se passa na mente do tradutor enquanto traduz. Holmes afirma que, até àquela altura, não se tinha tentado investigar sistematicamente esse processo em condições de laboratório, mas que os psicólogos estavam a desenvolver métodos “muito sofisticados de análise e descrição de outros processos mentais complexos.” Efectivamente, a partir da publicação do seu artigo “Name and Nature of

Translation Studies”, temos assistido a uma evolução do instrumentário que permite aceder a dados sobre o que acontece dentro da “*Black Box*” a partir de experiências realizadas em laboratório. Estamos a falar, como se sabe, dos *Think Aloud Protocols*, uma metodologia procedente da Psicologia Cognitiva, proposta pela primeira vez por Krings (*Was in den Köpfen der Übersetzer vorgeht* – “O que se passa na mente dos tradutores”, 1986) e que ultimamente tem sido muito utilizada. Este método, conhecido sobretudo pela sua abreviatura “TAP” consiste em gravar em vídeo, para posterior análise, o que o(a) tradutor(a) vai pensando em voz alta enquanto traduz. Os seus principais críticos consideram que os TAPs, no melhor dos casos, só permitem o acesso a processos cognitivos mas nunca a processos automatizados ou criativos, argumentos que vão contra a sua utilização no âmbito da Tradução Literária.

A nosso ver, apenas poderemos ter acesso a dados sobre o processo da tradução literária de maneira indirecta: ou mediante entrevistas aos tradutores, ou escritos sobre essa matéria, – embora segundo Holmes (1976) (utilizamos a tradução espanhola): “muchos traductores, incluso los realmente buenos, son reacios a hablar o escribir sobre su oficio” –, ou então, a nível teórico, a partir do estudo de rascunhos (o que cada vez é mais difícil devido à utilização que quase todos já fazem do computador com a consequente perda de qualquer rasto do processo tradutor), ou ainda das provas (utilizadas ao nível dos Estudos Literários) que nos fornecem informações sobre a progressiva evolução da tradução até à versão definitiva. De acordo com os nossos estudos sobre autotraduções, consideramos que é possível aceder a informação fiável sobre o processo, de maneira indirecta, a partir da análise do produto, neste caso, dos textos traduzidos pelo próprio autor (sempre que possível, em combinação com os manuscritos e entrevistas) uma vez que o resultado destas traduções também nos revela informações sobre o processo criativo da tradução literária, tal como procuraremos demonstrar mais adiante ao longo da presente exposição.

Continuando a seguir o artigo de Holmes, deparamo-nos precisamente com os estudos dirigidos a analisar o produto, portanto, os que têm como objecto descrever traduções existentes e que, tal como o próprio Holmes já postula naquele momento, foram, são e continuarão a ser de suma importância no âmbito da investigação académica no nosso campo. Por exemplo, a vertente linguística da Tradutologia defende certos postulados que podemos aqui resumir através das próprias palavras de Koller (1979: 8): “La ciencia de la traducción

contrastiva y lingüística debe desarrollar las bases teóricas para la descripción de las relaciones de equivalencia, buscar equivalencias de traducción a nivel sintáctico, semántico y estilístico, debatir los problemas de traducción entre dos lenguas, estudiar las fuentes de error y describir los procedimientos de traducción a nivel léxico, sintáctico y estilístico.”

Nesse sentido, a tradutologia moderna apoia-se na lingüística de *corpus* e utiliza programas informáticos com capacidade para analisar grandes quantidades de texto com o fim de detectar, por exemplo, frequências de uso, de colocação, entre outras, mas que também permitem visualizar as concordâncias. No entanto, colocam-se a esta vertente de investigação tradutológica alguns dos típicos dilemas da investigação na nossa área: determinar que traduções hão-de formar parte do *corpus* a analisar, se devem decidir-se por incluir apenas traduções de “bons” tradutores, como seria o caso, por exemplo, de Giovanni Pontiero prestigiado e homenageado tradutor para inglês de grandes autores de língua portuguesa como José Saramago ou Clarice Lispector, ou também traduções mais “normais”, chamemos-lhes assim, para definir, por exemplo, um “erro de tradução”, uma “solução aceitável”, uma “proposta criativa”.

Para ultrapassar estes problemas, a perspectiva da “Manipulation School” analisa as traduções tal como são, com as suas falhas e erros, portanto, como fenómenos históricos e culturais, embora também procure enquanto “ciência empírica”, encontrar regularidades, ou regras gerais, para o comportamento do tradutor (Toury, 1995: 259). Interessa-se por certos aspectos, mas não se centra nem na crítica da tradução nem na optimização da formação de futuros tradutores, aspecto primordial no nosso campo, como já afirma Holmes no referido artigo: “Es evidente que la búsqueda de respuestas fiables y bien fundadas a estas cuestiones [sobre la formación de traductores] constituye una de las áreas de investigación más importantes (y, por lo menos de momento, puede que la más importante) en el campo de los estudios aplicados sobre la traducción”.

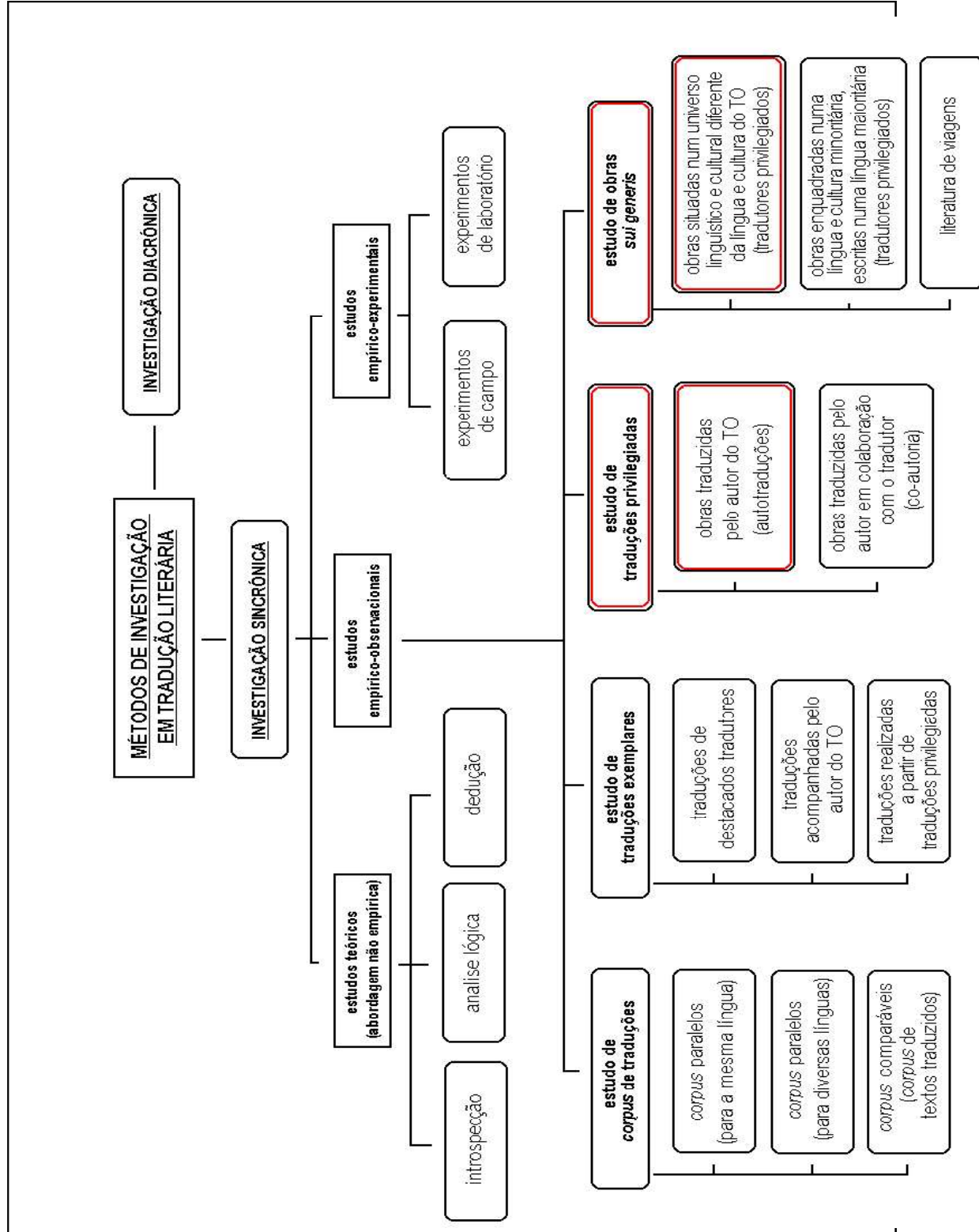
Propomos precisamente concentrar-nos num *corpus* de obras que, devido às suas características, nos podem proporcionar dados “fiáveis” no que diz respeito à prática, crítica e ensino da tradução. No âmbito da pesquisa em Tradução Literária, dependemos em grande medida da análise do texto traduzido, também pelo facto de não ser muito viável, tal como afirmámos antes, observar o tradutor literário durante o processo de elaboração da tradução. Assim sendo, avançamos a proposta de análise, por um lado, de textos traduzidos pelo próprio autor, portanto de

autotraduções, e, por outro, de textos literários em que os autores realizam “tarefas de tradutor”, tais como: traduções acompanhadas pelo autor ou realizadas conjuntamente com o tradutor, ou seja, em “co-autoria”, que podemos considerar traduções “exemplares”. Afiguram-se-nos válidas para delas retirar pautas positivas no âmbito da didáctica da tradução, entre outros aspectos, quanto às estratégias e procedimentos de tradução para ultrapassar determinados problemas. Por outro lado, e para assegurar os resultados, propomos incluir no nosso *corpus*, a análise de obras originais que, a nosso ver, podem fornecer informação relevante para este campo de estudo no que se refere a temas ou problemas muito concretos, como por exemplo, os da tradução de marcas culturais: trata-se de obras situadas por um autor bilingue e bicultural num âmbito linguístico e cultural diferente do da língua e cultura do texto original.

Em nítida oposição à abordagem dedutiva, a que nos acabamos de referir, encontram-se todos aqueles teóricos e investigadores que, partindo de um indutismo férreo, defendem que não se pode falar de ‘ciência’ se a metodologia não é empírico-experimental. No entanto, como já antes referimos, esta metodologia parece não ser aplicável à investigação no domínio da Tradução Literária, pelo menos com os instrumentos de que dispomos actualmente, tratar-se-ia de procurar encontrar relações de causa-efeito o que, do ponto de vista da Tradução Literária, não parece fazer sentido, tal como chama a atenção Klaus Kaindl (1997: 227) quando afirma: “Os objectos de investigação das ciências filosóficas e culturais dificilmente se podem isolar num experimento (...) da mesma maneira que o fazem as ciências naturais dado que aquelas dependem em grande medida de uma abstracção teórica.”

Somos conscientes também das evidentes limitações que tanto a introspecção como a dedução implicam como únicos métodos para obter conhecimentos na nossa área, pois os resultados são *per definitionem* subjectivos e dificilmente extrapoláveis ou generalizáveis.

Sistematizamos estas reflexões no quadro sinóptico sobre o método de pesquisa em tradução literária em que destacamos os objectos de estudo que propomos como um novo acesso a conhecimentos neste campo.



Até há algumas décadas, a Tradutologia centrava-se essencialmente em reflexões de carácter introspectivo-filosófico, de grandes tradutores ou de filósofos, sobre o que deveria ser uma boa tradução, ou nas descrições do método escolhido. Essas reflexões acabavam por converter-se em normas ou regras, mais ou menos prescritivas, baseadas na própria experiência, sobre o que o tradutor deveria saber, fazer ou deixar de fazer, esses “essay-type reflections” como os denomina Daniel Gile (1998: 70). Esta abordagem introspectiva continua a ser válida, hoje em dia, em obras literárias que apresentam extraordinárias dificuldades de tradução. Encontramos prólogos dos tradutores

onde explicam o seu modo de proceder. Ora, essas reflexões, procedentes da prática tradutora, vêm-se complementadas, reconhecida já a Tradutologia como ciência, por outras, de eminentes tradutólogos que apresentam os seus modelos baseados nas perspectivas reflexivo-dedutivas (e muitas vezes axiomáticas) que têm vindo a marcar a pesquisa tradutológica a partir da segunda metade do século XX e nas quais adaptam conceitos desenvolvidos por outros campos científicos para definir o que deve ser a Tradução.

Uma outra importante fonte sobre o proceder do tradutor são os livros escritos por (ou sobre) tradutores que relatam as suas experiências e as suas relações com os autores, bem como entrevistas realizadas a destacados tradutores ou a autores falando sobre a relação com os seus tradutores, publicadas em revistas especializadas, de divulgação, em jornais, na televisão, na Internet. Consideramos que estas fontes de conhecimento continuam a ser de grande relevância no campo da Tradução Literária, pois, através delas podemos aceder a grande quantidade de informação e a dados muito específicos sobre o processo da tradução literária que, de outro modo, nos estariam vetados. Nesse sentido, considerámos oportuno incluir entrevistas aos escritores que traduziram as suas próprias obras, aos autotradutores cujas (auto)traduções analisamos com o objectivo de esclarecer mais profundamente esse processo por pressupormos que as declarações dos mesmos dificilmente poderiam ser questionadas ou consideradas como puras especulações por parte dos detractores do procedimento empírico.

No campo da investigação em Tradução Literária, os métodos empírico-observacionais, que partem da análise sistemática de textos traduzidos para obter dados fidedignos ou fiáveis sobre a tradução, parecem aproximar-se mais do “truly scientific status” que postula Gideon Toury. A metodologia ‘tradicional’ baseia-se, por um lado, no estudo de traduções exemplares e, por outro, no estudo e análise de recompilações de textos traduzidos e na comparação com os textos originais. Patrícia Rodríguez (2000: 10) enumera as vantagens deste trabalho com *corpora*: “Corpus-based observations are intrinsically more verifiable than introspective based judgements; frequency-based data cannot be accurately recovered through introspection; a corpus provides the basis of a much more systematic approach to the analysis of language in terms of the objective verification of results; (...)”. Mona Baker (1998) distingue três tipos de *corpus* que têm maior relevância no campo da pesquisa tradutológica em geral: “*corpus*

paralelos”, “*corpus* multilingues” e “*corpus* comparáveis”. O estudo dos “*corpus* multilingues” que consistem em compilações de textos parecidos em diferentes línguas, reveste-se de grande interesse no campo da Terminologia, da linguística comparada e do ensino das línguas, mas não parece apresentar vantagens no âmbito da Tradução Literária. De maior interesse parecem revestir-se os “*corpus* comparáveis” que contêm recolhas de textos originais de um certo domínio e textos traduzidos (mas não correspondem a traduções dos textos originais, são de outros textos) que se revestem das mesmas características e que permitem uma análise comparativa no sentido de encontrar “constantes” tradutoras ou de definir “o tipo de tradução literária”. A análise contrastiva de “*corpus* paralelos”, que se encontram constituídos por textos em língua original com as respectivas traduções para outras línguas (ou por diversas traduções realizadas na mesma língua), é a forma mais comum de trabalho a partir de *corpus*. Esta metodologia é contudo, a nosso ver, bastante problemática na medida em que há que determinar que tipo de traduções hão-de formar parte do *corpus* paralelo: no campo da tradução e, especialmente no da Tradução Literária, não se pode pretender descrever apenas a realidade como se se tratasse de descrever uma doença ou uma corrente literária, trata-se de procurar obter pautas para otimizar a prática, crítica e formação em Tradução Literária: “the very nature of translation”, a que faz alusão Kenny (1998: 50), não é um estado “real” mas um estado “ideal” que há que tentar alcançar. Estas perspectivas levaram certos científicos a concentrar-se novamente no estudo de traduções exemplares. É o caso, por exemplo, de Paul Kußmaul que aposta pela análise de “case-studies” para obter informação sobre os processos que originam traduções criativas, soluções exemplares que podem ser utilizadas como modelo na Didáctica da Tradução. O estudo de “boas” traduções como método para obter conhecimentos na área da Tradução Literária tem, como é sabido, uma longa história. A título de exemplo podemos fazer referência a Laurentius Humphrey, professor de Oxford, que quis dar uma base científica ao estudo da tradução partindo de um posicionamento hermenêutico (*De ratione interpretandi libri III*, Basileia, 1559). Esta primeira perspectiva de estudo da Tradutologia tinha como objecto de pesquisa a tradução dos textos clássicos do grego e do latim para o inglês da época, baseando-se numa interpretação dogmática e seguindo regras derivadas dos “grandes dicionários” e gramáticas. Tratava-se de de analisar traduções célebres para obter modelos a partir dos quais realizar “boas

traduções” e, conseqüentemente, poder determinar também se uma tradução era “boa” ou “má”. Ora, neste tipo de análise o problema reside sobretudo em determinar o que é uma “boa tradução”. Para tal, a Tradutologia começa a interessar-se pelas traduções acompanhadas de perto pelo autor, desse modo, podia-se cumprir mais efectivamente o postulado da objectividade científica: se o próprio autor apoia o trabalho do seu tradutor e dá o seu aval à tradução, então, pode-se partir do princípio de que se trata de um texto digno de análise e já não se necessita de recorrer a “critérios externos” para definir o que é uma “boa tradução”. Neste contexto um caso a destacar é o de Karl Marx que trabalhou em estreita colaboração com o tradutor para francês da sua obra *O Capital* (1868) e que fez a revisão (sem a intervenção do tradutor) da segunda edição publicada por Maurice Lachatre et Cie, Paris, 1875, o que torna esta tradução quase uma autotradução. Um outro caso interessante e que constitui um caso singular de aceitação do trabalho do tradutor por parte do autor é-nos relatado com surpresa por Joseph S. M. Lau (1995) relativamente a Gabriel García Márquez: “One gains renewed confidence in the profession when it is reported that Gabriel García Márquez, author of *One Hundred Years of Solitude*, ‘prefers Rabassa’s English translation of his masterwork to the Spanish original’. But such success stories are rare”.

Mas poder-se-ia questionar até que ponto o estudo das traduções acompanhadas pelo autor não dão resultados semelhantes ao estudo das autotraduções. De facto, há diferenças substanciais. Embora ambas levem a chancela de sancionadas pelo próprio autor, no estudo de traduções exemplares, como as que são acompanhadas pelo próprio autor do texto original, o produto, ou seja, a tradução, não permite isolar a influência e a intervenção do autor.

Nesta linha de pensamento, propomos debruçar-nos sobre o estudo do que designamos como “traduções privilegiadas”, ou seja, das obras traduzidas pelo autor bilingue e bicultural do texto original em colaboração com o seu tradutor (co-autoria), em relação às quais temos em circunstâncias e ocasiões diversas informação directa dada pelo próprio autor sobre o seu papel e a sua intervenção. Mas consideramos que é sobretudo através do estudo das autotraduções, que se pode detectar e determinar essa intervenção (a tradução é na sua totalidade da sua autoria) e delimitar as fronteiras entre a sua actuação como tradutor e autor. Além disso só estas possibilitam estabelecer, sempre a partir da comparação com o original, a diferença mais objectiva entre o que é matéria de trabalho do autor

(os limites da liberdade que lhe advém da autoridade que possui em relação à criação da sua obra) e o que é específico da tarefa do tradutor. Daí que as designemos como privilegiadas, o seu estudo permite-nos obter conclusões (tanto a nível positivo como negativo) que não nos são facultadas através de qualquer outra tradução nem de outros tipos de análise. Daí também o motivo de dedicarmos esta proposta ao estudo de autotraduções.

Acrescentamos ainda um novo acesso a esse conhecimento através do estudo de obras originais que acabam por revelar-se, pelas suas características “sui generis”, de especial importância para a investigação em Tradução Literária uma vez que o autor assume, teoricamente, em algumas partes, tarefas de tradutor, especialmente no que se refere ao retrato da outra cultura. Trata-se de obras cuja acção se encontra situada num ambiente linguístico e cultural diferente do da língua e cultura em que se encontra escrito o texto. Dentro deste tipo de obras inserem-se as que retratam países “exóticos” e, certamente também, uma boa parte da literatura de viagens. Existem inúmeros exemplos desta literatura através da qual os autores nos dão a conhecer e nos explicam a outra cultura mas vista de fora, do ponto de vista de observadores externos que não são nem bilingues nem biculturais, como por exemplo George Orwell na sua *Hommage to Catalonia*. Outro exemplo deste tipo de perspectiva assumidamente dada “de fora” é a de Pep Subirós, conhecido escritor catalão que tem várias obras sobre o Norte de África e que nos explica abertamente a posição em que se coloca: “No espero res (...) Ser només un foraster, un passavolant, un *voyeur*, curios, però indiferent” (p. 35). Ora, para a presente análise, este tipo de obras (embora possam ter interesse para outro tipo de estudo do ponto de vista tradutológico) não nos fornece dados significativos, revelando-se mais frutuosas obras de autores que se colocam na posição oposta, de autores bilingues e biculturais, que dão uma perspectiva “a partir de dentro” por exemplo, autores africanos ou asiáticos que, por diversas razões, que também terão interesse para o estudo da “Sociotradutologia”, como refere Holmes, decidem escrever as suas obras nas línguas de comunicação oficial como sejam o português, o inglês ou o francês, através das quais apresentam e explicam as suas respectivas culturas. No processo da escrita de muitas destas obras, os autores, consciente ou inconscientemente, acabam por utilizar procedimentos de tradutor, podendo este tipo de obras também fornecer dados válidos para este campo de estudo, o da Tradutologia. O mesmo sucede em países essencialmente bilingues como Catalunha, Galiza,

Euskadi (e um longo etc.) onde muitos escritores decidem (por razões que aqui não cabe abordar), recorrer à língua maioritária (neste caso o espanhol) para retratar a cultura minoritária, neste caso a basca, a catalã, a galega. De acordo com a nossa linha de trabalho, propomo-nos aprofundar a análise de um caso que também consideramos privilegiado, de um autor bilingue e bicultural, Antonio Tabucchi, que tratando na sua obra *Sostiene Pereira* uma cultura, a portuguesa, diferente daquela em que a escreve - e, conseqüentemente da dos seus leitores originais - a italiana, utiliza naturalmente procedimentos de tradução para transmitir essa cultura da maneira como deseja que a recebam, porque na sua qualidade de bilingue e bicultural está numa posição privilegiada para o fazer, convertendo-se assim, à semelhança dos autotradutores, num “tradutor privilegiado”, sobretudo de referentes culturais, do ponto de vista do acesso ao estudo do processo tradutor. Podemos indicar, nesta mesma linha, entre muitos autores, alguns outros casos que podem servir de exemplo: Eduardo Mendoza que situa a acção da sua obra-prima *La ciudad de los prodigios* em Barcelona, vê-se obrigado a realizar, dentro do próprio texto original, traduções para castelhano de diversas referências da cultura catalã; o mesmo sucede na obra *Todas las almas*, do autor espanhol Javier Marias, cuja acção se encontra situada no ambiente mais tradicional de Oxford onde o autor viveu vários anos.

De acordo com esta perspectiva, seria certamente plausível incluir também a literatura do exílio ou a da imigração que é cada vez mais frequente na Europa multicultural de hoje. Frequentemente, sobretudo quando se trata de escritores menos conhecidos, eles mesmos se autotraduzem. A este respeito comenta J. C. Santoyo, eminente estudioso no campo da tradução diacrónica, que, só nos Estados Unidos, existem cerca de 300 autores *chicanos* que autotraduzem as suas obras transculturais.

Em suma, a nosso ver e de acordo com as análises que realizámos, a autotradução inclui-se dentro do âmbito específico da Tradução Literária e pode constituir um contributo válido, uma linha de investigação alternativa, tanto para esta como, por extensão, para a Crítica e Didáctica da Tradução, pelas seguintes razões fundamentais:

- o autotradutor, como caso extremo da dialéctica autor-obra / tradutor-obra possui uma autoridade inquestionável em relação à sua tradução porque nunca a poderá interpretar incorrectamente e é privilegiado pela sua dupla qualidade de autor e tradutor;

- o seu estudo, enquanto casos extremos da relação entre obra original e tradução, permite objectivar alguns dos problemas com que nos enfrentamos na análise de traduções literárias resultantes do facto de autor (escritor da obra original) e tradutor (escritor da obra na língua terminal) serem pessoas diferentes;
- as autotraduções podem servir de modelo autorizado para determinar em que momentos, em que contextos e através de que estratégias, técnicas ou procedimentos de tradução actua o (auto)tradutor;
- a autotradução pode fornecer dados para precisar conceitos tais como os de “lealdade”, “fidelidade”, “liberdade” do tradutor, entre outros, permitindo-nos focalizar o produto mas também o processo e, sobretudo, isolar factores que, sem ser na autotradução, dificultam aproximar-nos a uma análise mais objectiva.

Como casos “sui generis” de autotradutores podemos considerar aqueles autores bilingues e biculturais que, situando as suas obras num contexto cultural e linguístico diferente do da língua e cultura original, realizam (mentalmente) no texto original e no decurso da escrita da obra, simultaneamente tarefas de autor e de tradutor (pelo menos no que se refere estritamente ao tratamento dos referentes culturais) na medida em que dominam ambas as línguas, conhecem profundamente (quais nativos) as duas culturas, assumem o papel de mediadores ou intermediários entre elas e, no seu texto, já partem dos conhecimentos que possuem os seus leitores sobre a cultura de referência, procurarão evidenciar só as conotações que sabem que eles não poderão interpretar e, com os seus procedimentos poderão servir de modelo aos tradutores para outras línguas.

BIBLIOGRAFIA

BAKER, Mona (Ed.) *Enciclopedia of Translation Studies*. London e New York: Routledge, 1997.

GILE, Daniel “Observational Studies and Experimental Studies in the Investigation of Conference Interpreting”. In: *Target*, 10,1, 1998. 69-93.

HERMANS, Theo. “Descriptive Translation Studies”. In: Snell-Hornby M., Hönl, H.G., Kußmaul, P., Schmitt, P.A. (Eds.). *Handbuch Translation*. Tübingen, Stauffenburg, 1998. 96-101.

HOLMES, J. S. " Describing Literary Translations: Models and Methods". In: Holmes, J.S. (Ed.): *Translated!*. Amsterdam: Rodopi, 1988.

HOLMES, J. S. *Translated!* Amsterdam, Rodopi, 1988.

KAINDL, Klaus. “Wege der Translationswissenschaft - Ein Beitrag zu ihrer disziplinären Profilierung”. In: *Textcontext*, 11 = NF 1, 1997. 221-246.

KENNY, D. “Corpora in Translation Studies”. In: Baker, M. (ed.): *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres: Routledge, 1998. 50-53.

KOLLER, Werner. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg: Quelle & Meyer, 1979.

LAU, J.M.S. "Author as Translator". In Sin-wai Chan and Pollard, D.E.: *Encyclopaedia of Translation: Chinese-English/English-Chinese Translation*. Hong Kong: The Chinese University Press, 1995.

RODRÍGUEZ INÉS, P. Application of Corpus Methodology and Techniques to the Study of Ideology in Translation. Barcelona, Universidad Autónoma, 2000.

SUBIRÓS, Pep. *La Rosa del dessert*. Barcelona: Destino, 1993.

TANQUEIRO, Helena. "Traduir una obra autotraduïda". In: *Quaderns Divulgatius*, 8. *V Seminari sobre la Traducció a Catalunya*. Barcelona: Associació d'Escriptors en Llengua Catalana, 1977.

TANQUEIRO, Helena. "El Autotraductor - un traductor privilegiado". In: *Quaderns. Revista de Traducció*, nº 3, 1999. 19-27.

TANQUEIRO, Helena. "Self-translation as an extreme case of the author-work-translator-dialectic". In Beeby, A., Ensinger, D., Presas, M. (Eds.). *Investigating Translation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Compagny, 2000. 55-64.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam, John Benjamins Publishing Compagny, 1995.